

TORORÓ

PMS PMS PMS

BIBLIOTECA

Jornal A Tarde

Data 21/05/94

Caderno

Reportagem 12

Sessão

Assunto

Bairro

Tororó

Bairro privilegiado, o Tororó tem até área ecológica própria

O bairro do Tororó ainda mantém características de uma cidade do interior e os seus antigos moradores revelam que, ao longo dos últimos 50 anos, pouco ou quase nada mudou naquele logradouro. A pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceição, situada no Amparo do Tororó, bem no alto do ro, dá a dimensão exata e reforça a característica de uma cidade interiorana. No bairro estão instaladas antigas residências e casas transformadas em repúblicas de estudantes procedentes do interior.

Completando o bairro, observa-se o Dique do Tororó, uma área ecológica que proporciona uma das mais bonitas paisagens da cidade. O dique tem pelo menos oito projetos conhecidos em âmbito municipal, estadual e federal, para a sua total recuperação, mas até o momento nenhum deles conseguiu sair do papel. Quase sempre a falta de recursos é alegada para a não execução do projeto de melhoria do local e a total despoluição do dique. No entanto, surge a esperança, através da Administração Regional-Centro, órgão em nível municipal, para executar um programa de recuperação da área.

Ângela Barreto
Jorge Lindsay

Numa avaliação mais apurada, o bairro do Tororó tem características de uma evoluída cidade do interior. Praticamente encravado no centro da cidade, dá a impressão de que o burburinho que o rodeia cessa a partir dos pontos, ladeiras e ruas que permitem atingi-lo. A maioria dos moradores ali está há décadas, passando por gerações. Mas as peculiaridades do Tororó podem ser comprovadas exatamente pelos antigos moradores, que afirmam, sem maior nostalgia, que pouco ou quase nada mudou no bairro há, digamos, 50 anos. A pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceição, por exemplo, situada ao alto, mais exatamente no Amparo do Tororó, uma espécie de extensão do centro e ruas principais, reforça as características interioranas. Coincidentemente, lá estão instaladas residências ou repúblicas para estudantes de diversos municípios baianos.

Mesmo com tais privilégios, o Tororó tem, também, seus problemas, inclusive de segurança, inevitável nos dias de hoje, mas que nesse bairro se restringem aos acessos ao Dique do Tororó e à Estação da Lapa. Uma das marcas registradas do

bairro é o bloco carnavalesco "Apaches do Tororó", que, infalivelmente, leva mais de três mil integrantes às principais avenidas na folia momesca. Os mais velhos relembram, aí, sim, com nostalgia, os saudosos "Jacaré", "Lasca Frande" e "Panela Vazia". Hoje, faz parêntese com os apaches o "Secos e Molhados". Ambos mantêm sede no lugar e promovem festivais de ritmos variados.

ESGOTO E PASSARELA

Cada coisa no seu lugar. Assim parece estar arrumado o bairro do Tororó. Seu referencial de maior porte é o Hospital Martagão Gesteira, responsável pelo fluxo contínuo de gente e veículos. Mas essa movimentação cessa a partir da praça que tem nada menos que três denominações: Comendador João Neiva, Dodô e Osmar, e Largo do Tororó. Os inevitáveis barzinhos fazem a descontração com serestas e, em época apropriada, ensaios carnavalescos. Reivindicação? Apenas três, a exemplo dos nomes da praça; retorno de uma linha de ônibus — como havia há algum tempo; maior atenção com esgotamento — que em épocas de chuvas torna algumas ruas intransitáveis; e uma passarela



A Igreja de Nossa Senhora da Conceição domina o bairro do Tororó

ligando a Rua Futuro do Tororó à Estação da Lapa. Aí é onde costumam ocorrer assaltos e depredação de veículos.

Uma farmácia, um minimercado, uma escola pública estadual, a Amélia Rodrigues, um pequeno açougue, uma escolinha particular, barzinhos, lanchonetes e um restaurante. É tudo um. Daí, talvez, o raciocínio natural que preserva o equilíbrio do bairro. Morador há 32 anos do Tororó, o contador aposentado Aloísio Bandeira, 66 anos, confirma que pouco ou quase nada mudou ali. "A rotina só é quebrada com as serestas que acontecem nos finais de se-

mana", resume. Mais antiga ainda, dona Constância de Oliveira Santos ali está há 60 anos, e já foi diretora do Apaches do Tororó. "Isso aqui pouco mudou", também acha. Sua queixa se resume à retirada da linha de ônibus, sugerindo a colocação de uma circular ligando o bairro à Praça da Sé e Campo Grande. Problemas com tubulação e esgotos também fazem parte de suas reivindicações.

ASPECTO BUCÓLICO

Na realidade, o Tororó, a exemplo de diversos outros bairros, já foi muito mais residencial. As pequenas mudanças, entretanto, não parecem



Ruas pacatas, casario antigo e muita paz são tradições no Tororó

preocupar os moradores; alguns, comerciantes do próprio bairro. Manuel Serra Sampaio é um destes. Há 19 anos no local, montou o São Gabriel, um barzinho responsável pelas serestas e que se torna uma opção de lazer para moradores e visitantes. "Exigimos uma boa clientela para que não haja problemas e incomode a vida do bairro", garante ele, lembrando que, apesar da vigilância mantida 24 horas, através do posto policial, sempre ocorrem furtos nas áreas periféricas. Ele confirma o aspecto bucólico do bairro, mesmo estando encravado no centro de Salvador.

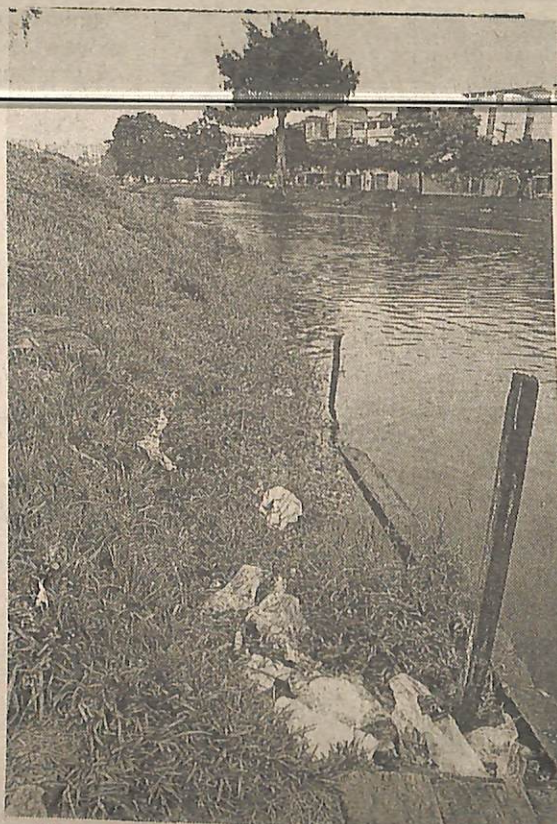
Outro referencial que parece orgulhar os que habitam o Tororó é a existência do Grupo de Apoio à Criança com Câncer, que atende hoje a 372 crianças em tratamento quimioterápico e com hospedagem, quando necessário. A coordenadora, dona Elza, diz que a comunidade

sempre procura auxiliar a entidade e lembra que no dia 29 haverá uma grande festa no bairro, com participação de diversos artistas, visando a doação de gêneros alimentícios. Outra instituição destacada no bairro é a Casa do Menino Trabalhador, mantida pelo governo do estado.

As repúblicas estudantis pontilham nas ruas do Tororó. Uma das pioneiras é a do falecido padre Torrend, que, ao morrer, doou o imóvel para que funcionasse como residência para estudantes de 2º grau e universitários oriundos do interior. Há, ainda, as de Ipirá, Macaúbas, Itabera e Pintadas. Na república do padre Torrend existem atualmente 10 moradores fixos, que pagam 10% do salário mínimo, e três hóspedes (20%). A casa é administrada pelos próprios estudantes, eleitos em diretoria, explica uma das moradoras, Luciene Araújo de Oliveira, 22 anos, natural de Olindina.

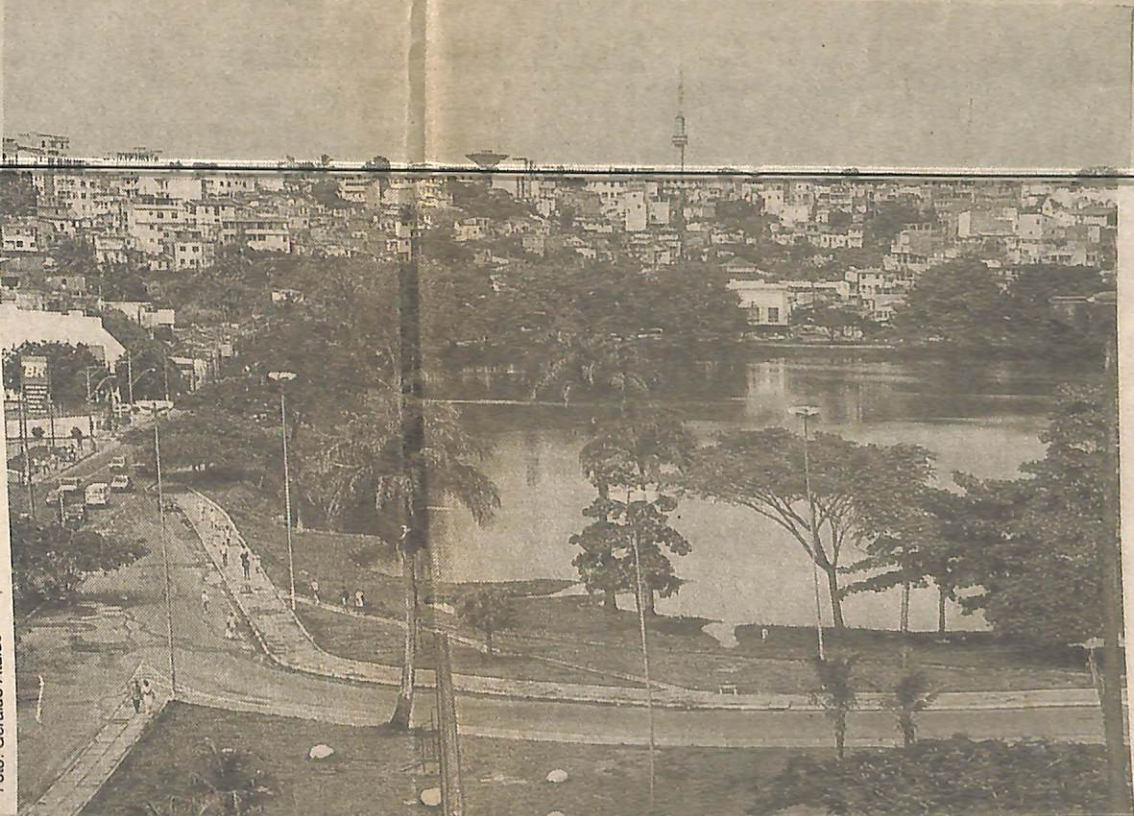
Dique será recuperado

Uma área ecológica que proporciona uma das mais bonitas paisagens da cidade, o Dique do Tororó, tem pelo menos oito projetos conhecidos, em âmbito municipal, estadual e federal para sua recuperação e urbanização. Mas nenhum deles conseguiu sair do papel até hoje, para tristeza das pessoas que vêm no local um centro de lazer dos mais interessantes. A falta de recursos, sempre alegada, faz com que suas águas sejam cada vez mais poluídas, a despeito de pequenas intervenções que os órgãos de limpeza municipal fazem, mas surge agora uma réstia de esperança com a disposição da Administração Regional-Centro em tomar as rédeas do desenvolvimento do local.



Muito lixo e mato enfeiam as margens do dique. DESPOLUIÇÃO — JÁ

Entre os muitos projetos existen-



O Dique do Tororó é circundado por pistas que realçam sua beleza natural



Esgotos e manilhas quebradas atestam o abandono.

são inconvenientes. Não dá para correr tranqüilo com tantos obstáculos pela frente, e, quando há congestionamento do tráfego, muitos motoristas e motociclistas costumam comen-

samente, mesmo que em seu íntimo contenha altas doses de poluição, o que durante muitos anos vem motivando o aparecimento de inúmeros

...a dimensão exata e reforça a característica de uma de interiorana. No bairro estão instaladas antigas residências e casas transformadas em repúblicas de estudantes procedentes do interior.

Completando o bairro, observa-se o Dique do Tororó, uma área ecológica que proporciona uma das mais bonitas paisagens da cidade. O dique tem pelo menos oito projetos conhecidos em âmbito municipal, estadual e federal, para a sua total recuperação, mas até o momento nenhum deles conseguiu sair do papel. Quase sempre a falta de recursos é alegada para a não execução do projeto de melhoria do local e a total despoluição do dique. No entanto, surge a esperança, através da Administração Regional-Centro, órgão em nível municipal, para executar um programa de recuperação da área.

Ângela Barreto
Jorge Lindsay

Numa avaliação mais apurada, o bairro do Tororó tem características de uma evoluída cidade do interior. Praticamente encravado no centro da cidade, dá a impressão de que o burburinho que o rodeia cessa a partir dos pontos, ladeiras e ruas que permitem atingi-lo. A maioria dos moradores ali está há décadas, passando por gerações. Mas as peculiaridades do Tororó podem ser comprovadas exatamente pelos antigos moradores, que afirmam, sem maior nostalgia, que pouco ou quase nada mudou no bairro há, digamos, 50 anos. A pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceição, por exemplo, situada ao alto, mais exatamente no Amparo do Tororó, uma espécie de extensão do centro e ruas principais, reforça as características interiores. Coincidentemente, lá estão instaladas residências ou repúblicas para estudantes de diversos municípios baianos.

Mesmo com tais privilégios, o Tororó tem, também, seus problemas, inclusive de segurança, inevitável nos dias de hoje, mas que nesse bairro se restringem aos acessos ao Dique do Tororó e à Estação da Lapa. Uma das marcas registradas do

bairro é o bloco carnavalesco "Apaches do Tororó", que, infalivelmente, leva mais de três mil integrantes às principais avenidas na folia momesca. Os mais velhos relembram, aí, sim, com nostalgia, os saudosos "Jacaré", "Lasca Frande" e "Panela Vazia". Hoje, faz parêntese com os apaches o "Secos e Molhados". Ambos mantêm sede no lugar e promovem festivais de ritmos variados.

ESGOTO E PASSARELA

Cada coisa no seu lugar. Assim parece estar arrumado o bairro do Tororó. Seu referencial de maior porte é o Hospital Martagão Gesteira, responsável pelo fluxo contínuo de gente e veículos. Mas essa movimentação cessa a partir da pracinha que tem nada menos que três denominações: Comendador João Neiva, Dodó e Osmar, e Largo do Tororó. Os inevitáveis barzinhos fazem a descontração com serestas e, em época apropriada, ensaios carnavalescos. Reivindicação? Apenas três, a exemplo dos nomes da praça; retorno de uma linha de ônibus — como havia há algum tempo; maior atenção com esgotamento — que em épocas de chuvas torna algumas ruas intransitáveis; e uma passarela



Foto: Walter Carvalho

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição domina o bairro do Tororó

ligando a Rua Futuro do Tororó à Estação da Lapa. Aí é onde costumam ocorrer assaltos e depredação de veículos.

Uma farmácia, um minimercado, uma escola pública estadual, a Amélia Rodrigues, um pequeno açougue, uma escolinha particular, barzinhos, lanchonetes e um restaurante. É tudo um. Daí, talvez, o racionamento natural que preserva o equilíbrio do bairro. Morador há 32 anos do Tororó, o contador aposentado Aloisio Bandeira, 66 anos, confirma que pouco ou quase nada mudou ali. "A rotina só é quebrada com as serestas que acontecem nos finais de se-

mana", resume. Mais antiga ainda, dona Constância de Oliveira Santos ali está há 60 anos, e já foi diretora do Apaches do Tororó. "Isso aqui pouco mudou", também acha. Sua queixa se resume à retirada da linha de ônibus, sugerindo a colocação de uma circular ligando o bairro à Praça da Sé e Campo Grande. Problemas com tubulação e esgotos também fazem parte de suas reivindicações.

ASPECTO BUCÓLICO

Na realidade, o Tororó, a exemplo de diversos outros bairros, já foi muito mais residencial. As pequenas mudanças, entretanto, não parecem



Foto: Walter Carvalho

Ruas pacatas, casario antigo e muita paz são tradições no Tororó

preocupar os moradores; alguns, comerciantes do próprio bairro. Manuel Serra Sampaio é um destes. Há 19 anos no local, montou o São Gabriel, um barzinho responsável pelas serestas e que se torna uma opção de lazer para moradores e visitantes. "Exigimos uma boa clientela para que não haja problemas e incomode a vida do bairro", garante ele, lembrando que, apesar da vigilância mantida 24 horas, através do posto policial, sempre ocorrem furtos nas áreas periféricas. Ele confirma o aspecto bucólico do bairro, mesmo estando encravado no centro de Salvador.

Outro referencial que parece orgulhar os que habitam o Tororó é a existência do Grupo de Apoio à Criança com Câncer, que atende hoje a 372 crianças em tratamento quimioterápico e com hospedagem, quando necessário. A coordenadora, dona Elza, diz que a comunidade

sempre procura auxiliar a entidade e lembra que no dia 29 haverá uma grande festa no bairro, com participação de diversos artistas, visando a doação de gêneros alimentícios. Outra instituição destacada no bairro é a Casa do Menino Trabalhador, mantida pelo governo do estado.

As repúblicas estudantis pontilham nas ruas do Tororó. Uma das pioneiras é a do falecido padre Torrend, que, ao morrer, doou o imóvel para que funcionasse como residência para estudantes de 2º grau e universitários oriundos do interior. Há, ainda, as de Ipirá, Macaúbas, Itabera e Pintadas. Na república do padre Torrend existem atualmente 10 moradores fixos, que pagam 10% do salário mínimo, e três hóspedes (20%). A casa é administrada pelos próprios estudantes, eleitos em diretoria, explica uma das moradoras, Luciene Araújo de Oliveira, 22 anos, natural de Olindina.

Dique será recuperado

Uma área ecológica que proporciona uma das mais bonitas paisagens da cidade, o Dique do Tororó, tem pelo menos oito projetos conhecidos, em âmbito municipal, estadual e federal para sua recuperação e urbanização. Mas nenhum deles conseguiu sair do papel até hoje, para tristeza das pessoas que vêm no local um centro de lazer dos mais interessantes. A falta de recursos, sempre alegada, faz com que suas águas sejam cada vez mais poluídas, a despeito de pequenas intervenções que os órgãos de limpeza municipal fazem, mas surge agora uma réstia de esperança com a disposição da Administração Regional-Centro em tomar as rédeas do desenvolvimento do local.

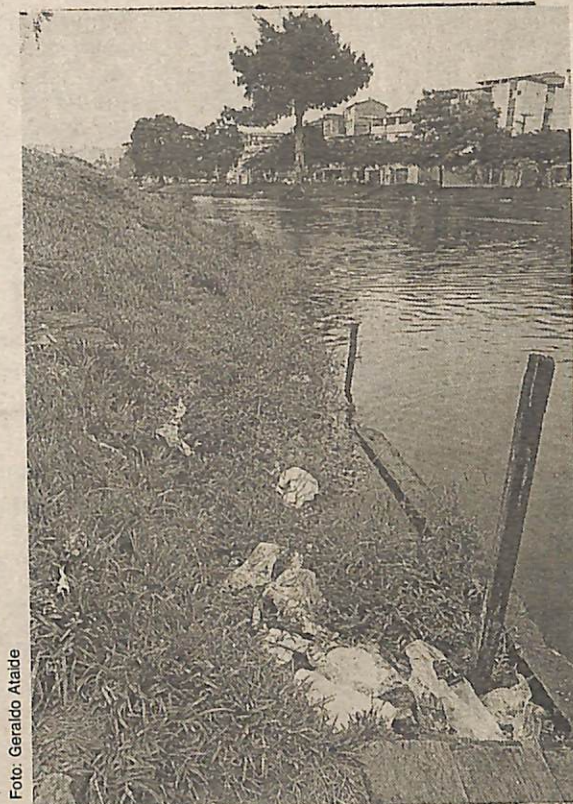


Foto: Geraldo Alade

Muito lixo e mato enfeiam as margens do dique.

DESPOLUIÇÃO — JÁ

Entre os muitos projetos existentes, está o que urbanizaria as encostas que seriam devidamente iluminadas. Há o que prevê o fechamento da pista contrária à Avenida Vasco da Gama, para que ali fossem implantados equipamentos diversos. Nas últimas eleições houve um candidato que, se eleito fosse, prometia fazer uma obra monumental na área, com restaurantes e equipamentos diversos. Clarindo diz que não há como pensar em grandes projetos. Mas, a busca por se chegar a um que possa ser viabilizado dentro dos recursos que forem conseguidos será uma meta a ser perseguida.

Pelo menos ele conta com o apoio do secretário Juca Ferreira, da Secretaria do Meio Ambiente, que aguarda verbas para começar a trabalhar no projeto ecológico que tem para o dique e que começa pela sua despoluição. No local, diz que desembocam várias saídas de água pluvial e uma apenas de esgoto. Mas muitos detritos acabam chegando ao dique, que fica poluído. Um passeio através dele mostra ainda quantos detritos são ali jogados. Sendo o dique a casa de Oxum, os "despachos" que os adeptos do candomblé fazem diariamente são consideráveis. Ajudam a degradá-lo, porém o lixo trazido na correnteza e jogado pela população contri-



Foto: Geraldo Alade

O Dique do Tororó é circundado por pistas que realçam sua beleza natural

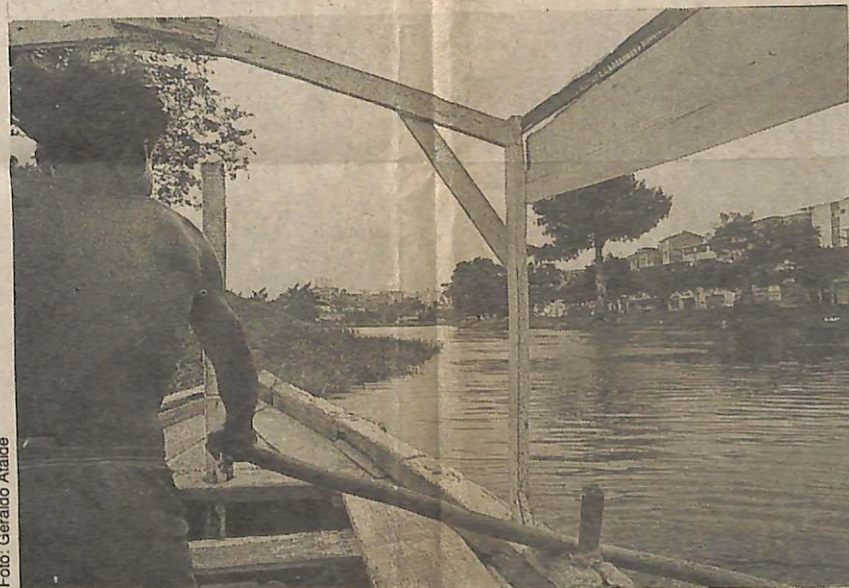


Foto: Geraldo Alade

Pequenos barcos dão um toque nostálgico à paisagem do dique

buem muito mais para a poluição. Alheios a essa discussão, muitos são os que tiram dali o seu sustento, pescando diariamente seja com anzóis ou tarrafas. Há dois anos morando numa encosta próxima à sede da Sumac, no Tororó, Eudênio Nascimento já chegou a pescar com seu barco até 40 quilos de tilápias, num só dia. Com sete filhos, ele usa os peixes como alimento e diz que nunca sentiu qualquer distúrbio e ainda vende o excedente. Não se conforma "com o monte de bozó, de galinha morta que jogam nas águas e provocam mau cheiro". Mas vive no local, ali mesmo faz reparos no tosco barco, e mesmo ameaçado pela prefeitura

para abandonar a encosta, diz que vive melhor do que antes, quando morou em Paripe.

INSEGURANÇA

A prefeitura promove limpeza na área de vez em quando. No entanto, muitas árvores já morreram, deixando apenas vestígios do tronco no chão. Cidadãos, como a funcionária pública Lígia Ferreira, lembram os salgueiros chorões que se derramavam em torno do dique e hoje pouco são vistos. Atletas que correm ou caminham fazendo exercícios em torno do dique, como Alfredo Carvalho, dizem que as calçadas esburacadas



Foto: Geraldo Alade

Esgotos e manilhas quebradas atestam o abandono.

são inconvenientes. Não dá para correr tranquilo com tantos obstáculos pela frente, e, quando há congestionamento do tráfego, muitos motoristas e motociclistas cortam caminho transitando pela calçada.

Com certa frequência, carros mergulham nas águas escuras do dique, que é rodeado de pistas irregulares que se enchem de óleo com a passagem de ônibus. Frequentar aquela área ecológica, de fato, é um risco agravado pela falta de segurança, sendo comuns os assaltos. Durante o dia as margens do dique são ocupadas por lavadores de carros que defendem seus trocados, criadores de galos de briga, que espalham seus animais na área verde, carros e motos com placas de venda são expostos, sem contar com propagandas diversas e até alguns ambulantes que comercializam seus produtos transportados em carros de mãos, que são estacionados debaixo das árvores frondosas.

RESPEITO A OXUM

O dique, que tem sua origem discutida, achando alguns historiadores que foi construído pelos holandeses, tem forte corrente que defende seu nascimento natural. O certo é que documentos provam que ele se estendia das Sete Portas até a Concha Acústica, e hoje está reduzido, mas mesmo assim consegue, debaixo de todas as dificuldades, se exibir majesto-

samente, mesmo que em seu íntimo contenha altas doses de poluição, o que durante muitos anos vem motivando o aparecimento de inúmeros projetos que tentam recuperá-lo.

Uma área que já foi palco de disputadas regatas, hoje apresenta apenas dois barcos que transportam seus conhecidos passageiros de uma margem à outra e faturam um pouco mais em épocas de homenagens à Rainha das Águas, quando muitos adeptos do candomblé preferem jogar suas oferendas no meio do dique.

"Vamos salvar o dique", é o grito de guerra lançado pela AR-1 através de uma "Carta do Centro", que está sendo distribuída a todas as entidades que possam contribuir de alguma forma na cruzada. Como metade do dique está nos domínios da AR-Centro e metade na de Brotas, a luta ganhou uma abrangência maior no trabalho de chamar a atenção para os graves problemas ambientais existentes na área. O seminário sobre o dique deverá acontecer no início de julho, culminando com um abraço simbólico que já mobiliza entidades como o Grupo Gambá, que oferece seus serviços. Nos próximos dias, será encaminhado à prefeitura um pedido de tombamento da encosta que circunda o dique e a relocação das cerca de 50 famílias que invadiram o local. Para a AR-1, Oxum, a deusa da beleza, merece ter uma morada digna "para, em troca, nos dar a graça de destrarmos de toda esta infinita beleza".